

“Estava ocupada revertendo a lavagem cerebral”: identidade palestina, cidades mistas e análise de *Shway Shway*, de Lina Makoul¹

Ana Raquel Romeu Aguiar²
Universidade Católica Portuguesa

RESUMO

Esse resumo expandido tem como objetivo, através da música *Shway Shway*, da palestina Lina Makoul, mostrar a identidade palestina e suas crises, bem como a vivência de uma cidadã árabe-israelense numa cidade mista, cidades no Estado de Israel com porcentagem significativa de cidadãos judeus e árabes. A pesquisa foi realizada sob as lentes da análise do discurso e do paradigma do opressor-oprimido. Para contextualizar, foram mostrados dados estatísticos que mostram a desigualdade entre comunidades árabes e judias nas cidades mistas. Concluiu-se que essa vivência em cidade mista a fez, por muito tempo, normalizar a ocupação israelense e criou conflitos na identidade de Lina como palestina.

PALAVRAS-CHAVE: música; identidade; ocupação; Palestina; Lina Makoul.

CORPO DO TEXTO

O conflito árabe-israelense, cujo início é marcado pela criação de Israel e pelo Nakba (termo em árabe para catástrofe) palestino em 1948 (BBC, 2025), vem se intensificando cada vez mais. Na fase atual, marcada pelos ataques no dia 7 de outubro de 2023, causou a morte de mais 50 mil palestinos (AL JAZEERA, 2025a) em ataques das forças israelenses que continuam mesmo com o cessar-fogo de janeiro de 2025 (AL JAZEERA, 2025b).

O ato de existir em uma terra onde se passa um conflito afeta a construção de identidade dos povos dos países envolvidos, que, conseqüentemente, influencia trabalhos culturais. A música popular palestina, que antes do Nakba comparava a vida rural e a vida urbana na região, aborda o conflito, a ocupação, as intifadas e a identidade palestina (KANAANEH, 2018, pp. 381-382).

Para esse trabalho, será analisada a canção *Shway Shway*, lançada em 2022 pela palestina Lina Makoul, que a cantora descreve como um “testemunho da minha jornada

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de Cultura Pop e Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Jornalista pela Universidade Federal do Ceará (UFC), especialista em Design Gráfico e Digital pela Universidade de Fortaleza (Unifor) e mestre em estudos asiáticos pela Universidade Católica Portuguesa (UCP), e-mail: contateanaraquel@gmail.com

nos últimos dez anos” e os conflitos identitários pelos quais passou por ter crescido numa das chamadas cidades mistas, um grupo de cidades definidas pelo Escritório Central de Estatísticas de Israel como cidades com porcentagem significativa de residentes judeus e árabes (Escritório Central de Estatísticas de Israel, 2017). Na cidade de Makoul, Acre, 32% da população que vive lá é árabe (JOFFRE, 2022).

Apesar de árabes moradores das cidades mistas terem o direito ao passaporte israelense, estatísticas denunciam a desigualdade entre a parte árabe e a parte judia dessas cidades. O Escritório Central de Estatísticas de Israel publicou um relatório em 2022 que apontava que 44% das crianças árabes de cidades mistas viviam abaixo da linha da pobreza, um número quatro vezes maior que o de crianças judias. Além disso, a pobreza aumentava nos bairros árabes, mas diminuía nos bairros israelenses (HAJ-YAHYA & RON, 2022). White (2012) menciona um índice socioeconômico israelense em que cidades são divididas em dez grupos: o “grupo um” é o grupo mais dos mais pobres, e o “grupo dez”, dos mais ricos. No índice de 2003, 80% dos três grupos mais pobres eram compostos pelas regiões árabes (p. 107). Em comparação, a maioria das comunidades judias estava no grupo cinco. (ASSAF-SHAPIRA, 2019).

Oportunidades e qualidade de vida entre os dois grupos também é bastante desigual. Joffre (2022) aponta que o número de árabes desempregados é maior, a porcentagem de árabes empregados em empresas comandadas por judeus é de apenas 4% e árabes não são vistos em posições de alta hierarquia. Robinson (2023) complementa que a média salarial mensal também é diferente, já que árabes em Israel recebem cerca de \$1,500 a menos que israelenses. Além disso, escolas em bairros árabes não têm tanto orçamento quanto escolas em bairros judeus (JOFFRE, 2022) e árabes que estudam em escolas judias são mais propensas a sofrerem discriminação (WHITE, 2012). Por fim, bairros árabes têm residências mais precárias, com muitas vezes grupos de até oito pessoas compartilhando o mesmo quarto, e têm serviços de qualidade inferior aos de bairros judeus, como postos de saúde com menos investimentos. Muitas vezes, Israel incentiva palestinos a se mudarem para vilas árabes e até oferece empréstimos para a mudança. No entanto, Bashir (1998) denuncia que a intenção do Estado é expulsar os árabes das cidades israelenses (*apud* Sabbagh-Khoury, 2018, p. 110).

Esse contexto social ajudará a compreender a composição de Makoul. *Shway Shway* (que pode ser traduzido como “Pegue leve comigo”, em português) é cantada

quase inteiramente em árabe, mas a cantora disponibilizou a tradução em inglês da letra, que será a base para o estudo. O estudo é qualitativo cuja metodologia é a análise do discurso, onde, além da música em si, serão consideradas matérias relacionadas à cantora e as questões sociais do conflito árabe-israelense. Ao se tratar desse conflito, Daniele (2014) aponta duas abordagens possíveis para seu estudo: o paradigma da paridade e o paradigma do opressor-oprimido (p. 88). Para o estudo, o paradigma priorizado foi o do opressor-oprimido. O principal objetivo é apontar como a música mostra a perspectiva de quem mora em cidades mistas, bem como a relação da cantora com a identidade palestina e com a ocupação israelense.

Lina alcançou a fama no mundo árabe-israelense ao vencer o *The Voice Israel*, em 2013, e se tornar a primeira árabe-israelense a vencer o reality. Numa entrevista para o portal Pop Crush em 2017, Lina disse que interpretou sua vitória como uma prova de que a paz entre os dois povos era possível e que, para sua vitória, sua música falou mais alto que sua origem árabe (PULGAR, 2017). Cinco anos depois, na música, ela afirma que essa interpretação foi “inocente”: “Eu acreditava de verdade que esse mundo era justo / que a música era a única resposta / que todas as pessoas eram boas / queria viver / num mundo de igualdade / pensei que éramos todos vítimas / só para descobrir que era tudo mentira” (2:32 - 2:43).

O nome da música é também um pedido de Makoul para que não a condenem tanto por ter acreditado nesse tipo de discurso, pois, novamente citando a letra “eu era jovem e não tinha noção dos [ocorridos nos] arredores / estava ocupada revertendo toda a lavagem cerebral” (1:55 – 2:02). A “lavagem cerebral” a qual se refere é a mencionada acima, de que todos eram vítimas da ocupação israelense. Durante toda a música, ela explica que nunca teve a intenção de normalizar a ocupação. No minuto final da música, Lina menciona um sistema comandado por um grupo que não se denomina “supremacistas brancos”, que “não são árabes, mas são ‘autênticos’ e que cantam “slogans do Bob Marley” como “One love, one life”. (2:44 – 2:56). Pelo contexto e por outros versos na composição, pode-se inferir que esse sistema é controlado por Israel.

Complementando o parágrafo acima, Makoul também relatou, em entrevista para o portal Jordan News, algumas situações da ocupação que ela havia normalizado. Um exemplo é que cidadãos das cidades mistas veem com frequência soldados em shoppings e condomínios e que isso é algo sobre o qual ninguém debate. Ela também descreveu que

viver na ocupação em cidades mistas (em comparação a lugares mais atingidos por bombas, como Gaza) traz o sentimento de essas cidades também proporcionam a experiência da ocupação, mas é mais difícil de explicar como essa ocupação é vista. Por fim, afirmou que o tempo a fez perceber que a ocupação é “mental, cultural, linguística e intelectual, não apenas visual” (FARYAL, 2022).

Durante a entrevista, a cantora comentou que estranhava ver as placas na Jordânia todas escritas em árabe, porque nas cidades mistas, não são assim. Ela também comentou sobre não escrever em árabe no início da carreira, porque ela tinha mais facilidade de escrever em inglês. A artista também afirmou que, no passado, perguntaram se ela não compunha em árabe porque ela tinha medo de cantar no idioma. Atualmente, ela confirma essa teoria.

Portanto, Lina Makoul mostrou a perspectiva de ser árabe-israelense numa cidade mista através da sua música. A sua vivência mostrou como a ocupação foi normalizada, visto que cidades mistas não são lugares atacados pelo exército israelense, mostrou sua insegurança com seu próprio idioma, já que vive numa região onde hebraico, árabe e inglês “coexistem”. Por fim, mostrou como sua identidade, tanto pessoal quanto artística, foi mudando. A que antigamente foi vista como um símbolo de paz entre Israel e Palestina hoje abraça sua identidade palestina e denuncia a ocupação israelense.

REFERÊNCIAS

AL JAZEERA. **Israel's war on Gaza has killed 50,000 Palestinians since October 2023.** Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2025/3/23/israeli-offensive-in-gaza-has-killed-50000-palestinians-since-october-2023>>. Acesso em: 5 maio. 2025.

AL JAZEERA. **Over 1,560 killed since Israel broke Gaza truce.** Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2025/4/12/at-least-500-gaza-children-killed-since-israel-broke-truce-official>>. Acesso em: 5 maio. 2025.

ASSAF-SHAPIRA, Ayir. **Israel's socioeconomic clusters.** Disponível em: <<https://www.jpost.com/israel-news/neighborhood-socioeconomic-clusters-600000>>. Acesso em: 5 maio. 2025.

BBC. **Israel and the Palestinians: History of the conflict explained.** BBC News, 20 jan. 2025. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/newsbeat-44124396>>. Acesso em: 5 maio. 2025.

DANIELE, G. **Women, Reconciliation and the Israeli-Palestinian Conflict.** Routledge, 2014.

FARYAL, A. **Our land doesn't speak our language**. Disponível em:
<<https://www.jordannews.jo/Section-125/All/Our-land-doesn-t-speak-our-language-25479>>.
Acesso em: 5 maio. 2025.

HAJ-YAHYA, N.; RON, O. **Relations in mixed cities one year after May 2021 disturbances - comment**. Disponível em: <<https://www.jpost.com/opinion/article-707595>>. Acesso em: 5 maio. 2025.

Israel Central Bureau of Statistics. **Mixed Locality**. 2017. Israel Central Bureau of Statistics. Disponível em: <<https://www.cbs.gov.il/en/Pages/all-Terms.aspx?TID=%D7%90%D7%95%D7%9B%D7%9C%D7%95%D7%A1%D7%99%D7%99%D7%94&k=Mixed+locality>>. Acesso em: 5 maio. 2025.

JOFFRE, T. **Arab residents of mixed cities disadvantaged compared to Jews: report**. Disponível em: <<https://www.jpost.com/israel-news/article-713268>>. Acesso em: 5 maio. 2025.

KANAANEH, M. Palestinian popular music. In: **The Routledge Companion to Popular Music History and Heritage**. Routledge eBooks, p. 376–387, 16 maio 2018. Disponível em: <<https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315299310-37/palestinian-popular-music-moslih-kanaaneh>>. Acesso em: 5 maio. 2025.

LINA MAKOUL. **LINA MAKOUL - شوي شوي - مخول لينا**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=7bcj0l2ZeiQ>>. Acesso em: 5 maio. 2025.

PULGAR, E. R.. **Lina On Bridging Israeli-Palestine Gap, Life After “The Voice”**. Pop Crush. 2017. Disponível em: <<https://popcrush.com/lina-bridging-israeli-palestine-the-voice-interview/>>. Acesso em: 5 maio. 2025.

ROBINSON, K. **What to Know About the Arab Citizens of Israel**. Council On Foreign Relations, 2023. Disponível em: <<https://www.cfr.org/background/what-know-about-arab-citizens-israel>>. Acesso em: 5 maio. 2025.

SABBAGH-KHOURY, A. **Palestinians in Palestinian cities in Israel: A settler colonial reality**. In: Rouhanna, N. N.; Sabbagh-Khoury, A. *The Palestinians in Israel: Readings in History, Politics and Society*, Second Volume. 2018. 101-118.

TAHHAN, Z. A. Israel passes law allowing deportation of Palestinian prisoners. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2023/2/16/israeli-law-allowing-palestinian-prisoner-deportation-a>>. Acesso em: 5 maio. 2025.

WHITE, B. **Palestinians in Israel: Segregation, discrimination and democracy**. Pluto Press, 2012.